

Seção de Livros

A BOLA DE CRISTAL

Condensação de

**"A GIFT OF
PROPHECY:
The Phenomenal
Jeane Dixon"**



RUTH MONTGOMERY

A BOLA DE CRISTAL



OLLIE ATKINS

Há mais de um quarto de século Jeane Dixon, de Washington, vem mostrando uma capacidade fantástica de prever o futuro. Previu a comunização da China, o lançamento do primeiro Sputnik e o assassinato do Presidente Kennedy.

Jack Anderson e Fred Blumenthal disseram em *Parade*: “Alguns cépticos dizem que Jeane Dixon resguarda bem as suas previsões, tornando-as tão enigmáticas que podem sempre ser negadas quando não se cumprem. Notam também que ela se abalança mais a prever o futuro distante do que o próximo.” Não obstante, ela tem acertado tanto que a jornalista Ruth Montgomery confessa sentir-se “tranqüilizada quando a Sr.^a Dixon erra. É reconfortante saber que ela não é infalível”.

No seu livro, *A Gift of Profecy: The Phenomenal Jeane Dixon* (“O Dom da Profecia: a Fenomenal Jeane Dixon”), Ruth Montgomery escreveu uma história do maior interêsse e extraordinária fascinação.

NUM DIA FRIO de novembro em 1963, três senhoras elegantemente vestidas se encontraram para almoçar no Hotel Mayflower, de Washington. Sentadas à mesa, duas delas—a Sr.^a Harley Cope, viúva de um contra-almirante, e a Sr.^a Rebecca Kaufmann, respeitável dama—comiam e conversavam animadamente. Mas a terceira se mantinha num mutismo que acabou chamando a atenção.

—Por que não está comendo, menina?—perguntou-lhe a Sr.^a Kaufmann.

Jeanne Dixon, uma moçana juvenilmente bela, de seus 40 anos, recostou-se na cadeira e fechou os olhos, dizendo:

—Não posso. Estou demasiado preocupada. Vai acontecer alguma coisa terrível hoje ao Presidente.

—De que está falando?

—A Sr.^a Dixon vem prevendo para muito breve uma tragédia com o Presidente Kennedy—explicou a Sr.^a Cope.—Falou-me sôbre isso anteontem.

A Sr.^a Kaufmann bateu consoladoramente na mão de Jeane:

—Não se preocupe, minha cara. O que tem de acontecer, acontece. Não adianta a gente preocupar-se antes do tempo.

Nesse momento, a orquestra de Sidney Seidenman parou de tocar. Seidenman, que conhecia bem as três senhoras, aproximou-se apressadamente da mesa delas e disse:

—Acabaram de atirar no Presidente!

—O Presidente morreu—murmurou Jeane em voz sumida.

—Não, não morreu—afirmou Seidenman.

—Vai saber que êle morreu—repetiu Jeane na mesma voz singularmente alheia.

O regente da orquestra retirou-se da sala, mas voltou quase imediatamente para dizer que o Presidente Kennedy estava apenas ferido.

—Ouvi pelo rádio. Ainda está vivo e estão-lhe fazendo uma transfusão de sangue.

Jeane olhou-o entorpecida, dizendo com tranqüila convicção:

—O rádio está errado. O Presidente Kennedy morreu. Tentei mandar-lhe um aviso, mas ninguém quis escutar-me. Agora é tarde.

Uma Sinistra Nuvem Negra

EM OUTRO ponto de Washington, em Georgetown, outro almoço se realizava na histórica residência de tijolos vermelhos de Kay Halle, filha de um filantropo de Cleveland e amiga dos casais Winston Churchill e Kennedy. Uma empregada foi interrompê-la para dizer que a Sr.^a Alice Roosevelt Longworth (filha de Theodore Roosevelt) estava ao telefone. A dona da casa pediu licença, foi ao telefone e escutou com horror o que a amiga lhe dizia:

—Ligue o rádio depressa. Aconteceu . . . aquilo que lhe disseram.

Kay ligou o primeiro rádio que encontrou, a tempo de ouvir: "Repetimos, o Presidente foi baleado. Não sabemos ainda a gravidade do ferimento, mas estamos atentos junto ao Hospital Parkland Memorial aqui em Dallas."

Kay Halle ficou horrorizada com a desanimadora notícia. Tinha ainda mais razão para isso do que muitos americanos.

Três meses antes, a Sr.^a Dixon—a quem conhecia apenas superficialmente—lhe batera à porta um pouco agitada.

—Perdoe-me por procurá-la assim—dissera Jeane—mas a senhora é uma das poucas pessoas do meu conhecimento que conhece o Presidente. Êle acabou de tomar a decisão de ir a algum lugar no Sul e isso lhe será fatal. Tem de ir dizer-lhe que *não faça essa viagem*. Há muito tempo, vejo uma nuvem negra pairando sôbre a Casa Branca. Vai ficando cada vez maior e agora principiou a descer. Isso quer dizer que a hora se aproxima. O Presidente será assassinado longe da Casa Branca.

Kay Halle procurou ser delicada. Encontrou uma desculpa dizendo:

—Se essas coisas são predeterminadas, não há muito que possamos fazer, não acha?

—Às vêzes, há um momento rápido em que se podem mudar os pratos da balança e se pode afastar o acontecimento—disse Jeane ansiosamente.—Deve avisá-lo.

Kay Halle olhou confusa para a mulher que a procurara. Já ouvira

dizer que Jeane era dotada de poderes sobrenaturais, mas achava que ela não devia ser infalível.

—Como posso ir dizer uma coisa dessas ao Presidente?!—exclamou ela.—Que iriam dizer na Casa Branca se eu lhes fôsse fazer uma advertência mística assim?

Jeane compreendia a relutância, mas continuou a insistir. Miss Halle disse-lhe, por fim, que faria o que lhe fôsse possível. E Jeane se despediu mais satisfeita.

—Pensei muito no caso—disse depois Kay Halle com pesar.—Mas sabia que não me seria possível levar um recado assim a um homem tão corajoso como o Presidente Kennedy. Êle não me daria a menor atenção e a simples idéia iria fazê-lo rir.

Jeane Dixon percebera pela primeira vez a nuvem negra da morte sôbre a Casa Branca numa visão que tivera 11 anos antes, em 1952. O homem visado era jovem, alto, tinha olhos azuis e uma basta cabeleira castanha. Uma voz interior dizia-lhe que era um democrata, que seria eleito em 1960 e que sofreria morte violenta no exercício do cargo. Quatro anos depois, em 1956, ela divulgou a profecia. Quando era entrevistada pelos repórteres da revista *Parade*, declarou abruptamente:

—Um presidente democrata de olhos azuis, eleito em 1960, será assassinado.

Os repórteres, atônitos com a rudeza das suas palavras, sugeriram dizer apenas que êle "morreria no exercício do cargo".

—Podem dizer o que quiserem, mas êle será assassinado—replicou ela.

A profecia apareceu no número de 13 de maio de 1956, e os amigos de Jeane lembraram-se dela quando John F. Kennedy conseguiu a indicação como candidato e venceu as eleições em 1960. A descrição que ela fizera do homem da sua visão correspondia inquietantemente à do Presidente eleito.

Quando, no verão de 1963, o filho de Kennedy, Patrick, perdeu a sua breve luta pela vida, muitos amigos de Jeane quiseram saber se isso explicava a nuvem negra que ela vira pairar sobre a Casa Branca.

—Não pode ser—respondeu Jeane. —Ainda vejo um grande caixão ser levado para a Casa Branca. O Presidente morrerá em outro lugar e o seu corpo voltará para lá, para as cerimônias do luto nacional.

Confirmada a Profecia Fantástica

COMO colunista de um jornal de Washington, mostrara-me a princípio céptica. Mas à medida que os anos passavam, iam-se acumulando as provas da capacidade sobrenatural que tinha Jeane de prever o futuro. Depois que a conheci, em 1952, comecei de vez em quando a escrever na minha seção sobre as suas predições, e isso pouco a pouco se transformou numa tradição anual da minha crônica do dia de Ano Novo. Costumávamos encontrar-nos em algum dia de dezembro para conversar a êsse respeito. Fiquei, portanto,

surpresa quando, em fins de outubro de 1963, atendi ao telefone e a ouvi dizer:

—Tenho uma informação que não pode esperar até ao Ano Novo. É uma coisa da maior importância! Posso ir aí agora mesmo?

Entrando em minha casa poucos minutos depois, ela declarou:

—Tive uma visão. Vi, com tanta clareza como você me vê neste momento, duas mãos pretas se estenderem e tirarem o nome de Lyndon Johnson da porta do gabinete da Vice-Presidência. Não há uma placa na porta que diz “Vice-Presidente”? Deve haver. Vi então um homem desconhecido e o seu nome brilhou um instante. É um nome de duas sílabas com cinco ou seis letras. A segunda letra era sem dúvida um S, e a primeira parecia um O ou um Q, não tenho certeza. A última letra termina em curva ascendente.

O nome de Billie Sol Estes estava muito em foco então no noticiário dos jornais e eu perguntei se o nome podia ser Estes.

—Não—respondeu ela imediatamente.—A primeira letra era fechada como um O ou um Q. Sei também que o nome do Sr. Johnson será retirado da porta por uma circunstância alheia à sua vontade.

Na noite seguinte, num jantar, Jeane contou também a sua visão mais recente ao Dr. F. Regis Riesenman, eminente parapsicólogo, que trabalhava no Hospital de Santa Elizabeth.

Nas semanas seguintes, cada vez

mais inquieta, disse a muitas pessoas que o Presidente seria assassinado em breve. Entre essas pessoas estavam: Mary Goldsmith, secretária do Sindicato Internacional dos Motoristas de Caminhão; John Teeter, que era naquela época diretor executivo do Fundo em Memória de Damon Runyon; Eleanor Bumgardner, que era secretária particular da Sr.^a Sargent Shriver, irmã do Presidente; Charles Benter, mestre reformado da banda da Marinha dos Estados Unidos. E na manhã da sexta-feira, 22 de novembro, disse a Benter:

—É hoje que vai acontecer!

E assim a misteriosa profecia cumpriu-se trágicamente. Oswald! Era êsse o nome que ela havia vislumbrado um instante na sua visão? Oswald é um nome de duas sílabas com seis letras; a primeira, O, a segunda, S, e a última, uma curva "ascendente". A fantástica predição se confirmara nos mínimos detalhes.

Nas Mãos de Uma Criança

JEANE criou-se em Santa Rosa, Califórnia, e em Los Angeles. Emma e Frank Pinckert, seus pais, imigrantes alemães, educaram os filhos dentro da tradição cultural européia.

Os indícios do estranho "sexto sentido" de Jeane se manifestaram quase logo depois que ela começou a falar. Em certa ocasião, ela pediu para brincar com "a carta de faixa preta". A mãe, atônita, disse que não sabia de que estava ela falando. Mas,

10 dias depois, chegou uma carta tarjada de prêto que comunicava a morte do pai de Emma Pinckert na Alemanha.

De outra vez, Jeane afirmou que o pai, que estava a mais de mil quilômetros de distância em Chicago, iria "trazer para casa um grande cachorro prêto e branco". E êle voltou de fato com um *collie* prêto e branco pouco comum. De algum modo a menina vira o pai comprá-lo.

Quando Jeane tinha oito anos, a mãe levou-a para ver uma cigana, acampada numa propriedade vizinha. A cigana olhou a palma da mão esquerda da menina e teve uma exclamação de assombro.

—Veja!—disse a mulher admirada. —Aqui está uma Estrêla de Davi, da qual parte uma dupla linha da cabeça.

Segundo afirmou, só isso bastaria para assegurar o dom de prever o futuro. Mas havia ainda outra estrêla na mão esquerda, e na direita, além de uma enorme estrêla que se expandia em todos os sentidos, uma linha da cabeça que atravessava por completo a palma da mão e ia juntar-se em tórno da mão com uma meia-lua do lado externo do punho. Dizem que tais sinais só ocorrem uma vez em mil anos.

—Essa criança nasceu com o dom da profecia—disse solenemente a cigana.

E entrando no carro em que vivia, trouxe de lá uma bola de cristal.

—Isto é para você—disse ela a Jeane.—Poderá ver nela coisas terrí-

véis, pois os sinais que tem nas mãos são de uma pessoa dotada de extraordinários poderes.

Durante algum tempo, Jeane servia-se da bola de cristal como um brinquedo, como se fôsse um caleidoscópio. Presumia que todos podiam ver na bola as imagens que ela via. A babá alemã da família procurava, sempre que era possível, explicar o sentido dos símbolos e visões que a menina descrevia. A Sr.^a Pinckert incentivou o desenvolvimento dêsse "sexto sentido". Os amigos da família descobriram em breve que Jeane tinha um notável talento para prever os fatos, e até pessoas estranhas começaram a procurá-la.

Tinha apenas nove anos quando uma mulher foi pedir-lhe conselho sôbre se devia abandonar uma carreira teatral sem sucesso e abrir uma casa de pensão. Olhando para a sua bola de cristal, Jeane viu-a "acender-se como um fogo de artifício do qual jorravam notas de 100 e de 1 000 dólares". Interpretando isso como uma posição de estrêla e como riqueza para a mulher que a consultava, Jeane disse:

—Deve desistir da idéia da pensão e prosseguir na sua carreira de atriz.

Mais tarde, quando o nome de Marie Dressler começou a aparecer nos cartazes luminosos dos cinemas em tôda a parte, ela costumava dizer que, se não fôsse a pequena Jeane Pinckert, teria abandonado o teatro. Mas Jeane diz:

—Ela teria sido famosa de qualquer maneira. O seu destino era êsse.

Caminhos da Previsão

ANOS depois, durante a Segunda Guerra Mundial, Jeane teve outro dramático encontro com uma atriz. Estava penteando o cabelo no salão de beleza Westmore's, em Los Angeles, quando Carole Lombard entrou. Jeane reconheceu a elegante estrêla do cinema, que era casada com Clark Gable. Uma empregada fêz as apresentações e Jeane apertou com prazer a mão da artista. Nesse momento, sentiu uma vibração de advertência. Sem poder conter-se, exclamou:

—Oh, Miss Lombard! Não deve viajar de avião nas próximas seis semanas!

A loura atriz respondeu, sorridente, que deveria partir quase imediatamente numa excursão de propaganda em prol da venda dos bônus de guerra. Jeane disse que compreendia muito bem a importância da missão, mas aconselhou-a a viajar apenas de automóvel ou de trem durante o "período de perigo".

O cabeleireiro disse posteriormente a Jeane que, depois que ela saíra do salão, Carole Lombard jogara uma moeda para o ar a fim de ver se seguiria o conselho que não havia pedido. Pediu cara. A moeda deu coroa. A estrêla do cinema partiu de avião para o Médio Oeste, alguns dias depois, e morreu num desastre aéreo.

Procurando explicar como sentira a tragédia iminente, Jeane diz:

—Quando lhe toquei a mão, vi sôbre ela o símbolo da morte. Esta-

va bem alto acima do solo. Vi que havia vida no solo em tórno dela e compreendi por isso que, se ela conservasse os pés no chão, evitaria o perigo. Foi uma espécie de voz interior que me disse "Seis semanas". Essa voz se faz freqüentemente ouvir, e eu sempre lhe dou ouvidos.

Jeane Dixon fascina os investigadores de fenômenos psíquicos porque a sua capacidade de previsão se manifesta através de muitos canais diferentes. Às vêzes ela se limita a "tocar as pontas dos dedos" de uma pessoa e parece saber instantaneamente o que o futuro lhe reserva. Em outras ocasiões pode precisar fatos do passado e do futuro de pessoas a quem nunca viu, bastando para isso saber a data em que nasceram. As suas mais freqüentes revelações se manifestam quando examina a bola de cristal. Mas as previsões a que ela pessoalmente atribui maior importância são as de visões não provocadas.

—Essas visões são tão diferentes das que tenho na minha bola de cristal quanto o dia é diferente da noite—diz Jeane.—Quando uma visão começa a formar-se, tudo muda, inclusive o ar em tórno de mim. Fico sòzinha, olhando tudo de um plano mais alto e nada do que é terrestre pode tocar-me.

Jeane é católica fervorosa e suas concepções têm sido sempre as da fé mais simples. Como muitas pessoas dotadas de poderes sobrenaturais, vive com sobriedade. A sua alimentação é formada principalmente de

verduras, frutas e sucos—quase sem carne. Nunca bebe, nem fuma. Antes de ir à Missa, o que faz todos os domingos, chega à sua janela que dá para o oriente e recita o Salmo 23.

Audiência com Roosevelt

Aos 21 anos, Jeane casou-se com James L. Dixon, que era, naquele tempo, sócio de uma grande firma distribuidora de automóveis em Los Angeles. Algum tempo depois, a bola de cristal foi decisiva para salvar a vida do marido de Jeane. A guerra na Europa havia começado. Dixon mudara-se para Detroit a fim de trabalhar para a defesa e, dentro em pouco, fazia freqüentes viagens entre Detroit, Chicago e Nova York.

Certa manhã, quando Jeane estava meditando com a sua bola de cristal, "viu" um avião cair ao solo envolto em chamas. Quando o marido chegou a casa naquela tarde a fim de arrumar as malas para uma viagem de avião a Chicago, Jeane lhe contou o que havia visto e aconselhou-o a tomar o trem. O marido fêz objeções, mas ela se mostrou irreductível. Êle decidiu afinal fazer-lhe a vontade. O avião, para o qual havia reservado passagem, caiu quase ao chegar a Chicago, matando todos os passageiros.

Recordando êsse velho episódio, Dixon diz comovido:

—Como a maioria dos maridos, sigo o conselho de minha mulher, embora nem sempre queira que ela saiba disso.

Poucas semanas depois de Pearl

Harbor, Dixon foi chamado a Washington a fim de encarregar-se da aquisição de imóveis para o Departamento da Guerra. Jeane ofereceu os seus serviços a uma organização de voluntários que proporcionava recreação aos militares. Jeane começou, nas festas promovidas pela organização, aquilo em que ela era perita, efetuando "sessões" para os militares. O sucesso foi enorme.

A sua fama de vidente se espalhou por toda Washington. Uma noite, numa festa de caridade no Clube Sulgrave, Jeane tocou as pontas dos dedos do Vice-Presidente Harry S. Truman e profetizou:

—Um caso de força maior o tornará Presidente.

Em fins de 1944, pouco depois da reeleição de Franklin Roosevelt para o seu quarto período presidencial, Jeane Dixon foi convidada a ir à Casa Branca. Uma voz de mulher disse-lhe ao telefone, ao mesmo tempo que marcava uma hora:

—O Presidente gostaria de conversar com a senhora.

Jeane vestiu-se com cuidado para a audiência, marcada para as 11 horas. Embora fôsse em novembro, fazia um pouco de calor, mas Jeane levou no braço uma pele de rapôsa prateada a fim de esconder a bolsa que a bola de cristal tornava bojudá.

O alto e grisalho William D. Simmons recebeu-a no vestíbulo da Ala Oeste do Executivo e acompanhou-a por um pequeno corredor e uma antecâmara até ao gabinete oval.

O Presidente Roosevelt, levantando

a cabeça da mesa de trabalho, ergueu a meio o corpo apoiado nos fortes braços, lançou à visitante um sorriso cordial e disse:

—Bom dia, Jeane. Muito lhe agradeço ter vindo.

Convidou-a a sentar-se a um canto da mesa e ambos trocaram comentários banais a respeito do tempo. O peso do mundo parecia sobrecarregar os largos ombros do Presidente, e Jeane, sentindo "uma onda de solidão estender-se" para ela, disse:

—É bom, Sr. Presidente, procurar orientação quando se tem alguma dúvida no espírito.

Roosevelt deu um suspiro e respondeu:

—O tempo que se tem é muito curto, mesmo quando parece estender-se mais. Quanto tempo me resta para concluir o trabalho que tenho de fazer?

—Posso tocar-lhe as pontas dos dedos?—perguntou ela.

Roosevelt estendeu-lhe a grande mão. Quando Jeane recolheu as vibrações, procurou desesperadamente desviar a conversa e evitar uma resposta. Êle insistiu numa resposta clara e ela teve de dizer relutantemente:

—Seis meses. Talvez menos.

A sala ficou em silêncio. Jeane disse depois: "Eu podia sentir que êle tinha a premonição da própria morte e queria apenas confirmação."

Por fim, o Presidente quebrou o silêncio e perguntou:

—Continuaremos aliados da Rússia?

Abanando a cabeça, Jeane disse:

—As visões que tenho mostram o contrário. Mas seremos aliados outra vez, mais tarde, contra a China Vermelha.

O Presidente reagiu com um sobressalto:

—China Vermelha? A China não é vermelha! Não teremos problemas com a China. Mas creio que temos de continuar aliados da Rússia para manter a nossa posição mundial.

Olhando atentamente para as imagens que se formavam na sua bola de cristal, Jeane disse:

—Vejo que a China se tornará comunista e nos dará muito trabalho. Depois dela, a nossa grande preocupação será a África.

O Presidente discordou:

—Não prevejo qualquer problema sério com a África, e sim com a Rússia. É importante que a nossa aliança continue.

Tão Pouco Tempo!

EM MEADOS de janeiro de 1945, Jeane recebeu outro telefonema da Casa Branca e de novo uma voz de mulher lhe marcou uma hora para daí a três dias.

O Presidente tinha a piteira na boca em um ângulo engraçado quando recebeu Jeane.

—Trouxe a bola?—perguntou.

“Foi um encontro de velhos amigos e companheiros de segredo”, conta Jeane. “Ele estava nessa ocasião tão bem disposto quanto estivera sob tensão na vez anterior. Mas como seu aspecto físico mudara em

dois meses! O rosto estava magro e cansado e êle parecia ter perdido uns 20 quilos.”

Quando Jeane tirou a bola de cristal de baixo do casaco, ela e Roosevelt trocaram sorrisos de cúmplices.

—De quanto tempo disponho agora?—perguntou, ansioso como um garotinho por seu presente de aniversário.

Jeane mostrou um espaço de cinco centímetros entre o polegar e o indicador, e disse:

—Tanto assim.

O Presidente teve um gesto de assentimento e disse:

—O tempo é curto.

—É verdade—concordou Jeane contra a sua vontade.—Extremamente curto.

Sem esperar um convite, Roosevelt estendeu a mão direita.

—Que pensa de algumas decisões que em breve terei de tomar?

—Não se trata do que eu penso—observou ela—mas do que recebo espiritual e psiquicamente. Muitas coisas que percebo não são o que as pessoas querem ouvir.

Quando ela lhe tocou as pontas dos dedos e fechou os olhos, êle insistiu:

—Tem certeza de que seremos aliados dos russos no futuro?

Jeane repetiu a sua previsão anterior, dizendo:

—Seremos posteriormente aliados da Rússia contra a China Vermelha. Mas isso acontecerá daqui a mais de uma geração.

—Quer dizer que não estou erra-

do em relação à Rússia? No final das contas, estaremos com a Rússia e a Rússia conosco?

—Terminaremos como aliados, sim—replicou Jeane.—Mas, nessa ocasião, o nosso govêrno estará mudado. Nem sempre teremos um sistema bipartidário como o atual.

Houve mais, inclusive uma predição de que os problemas raciais nos Estados Unidos se agravariam, com derramamento de sangue. O Presidente não concordou. Dessa vez, parecia não querer deixá-la sair. Quando ela estendeu a mão despedindo-se, êle a tomou nas duas mãos e disse, novamente com um brilho no olhar:

—Cuide bem dessa bola.

—*Auf Wiedersehen!*—disse Jeane.

—Deus a proteja—respondeu êle.

Jeane nunca mais o viu. Em princípios de fevereiro, Roosevelt foi a Ialta, numa das missões mais severamente vigiadas da guerra. Em abril o sobrecarregado Presidente morreu em consequência de uma hemorragia cerebral, em Warm Springs, na Geórgia.

Uma Ideologia Estranha

JEANE DIXON falou de nôvo da “China Vermelha” numa noite de outubro de 1946, quando o Embaixador e a Sr.^a Wellington Koo recebiam na Embaixada Chinesa em Washington. Os convidados estavam reunidos em pequenos grupos falando sobre os assuntos do dia. Dez criminosos de guerra nazistas acabavam de ser enforcados. A conversa

se encaminhou para a Rússia Soviética e a ameaça que representava para o mundo livre em comparação com a ameaça da Alemanha.

—Ouçam o que estou dizendo—disse um dos convidados.—Qualquer destes dias teremos de lutar com a Rússia.

A espôsa do Embaixador Loy Henderson lembra-se bem dessa conversa, porque nesse momento Jeane Dixon o interrompeu tímidamente, dizendo:

—Não quero contradizê-lo, mas o que vejo no futuro é os Estados Unidos em luta com a China Vermelha e não com a Rússia Vermelha.

A Sr.^a Henderson, cujo marido dirigia a Seção de Assuntos do Oriente Próximo no Departamento de Estado e servira anteriormente como encarregado de negócios dos Estados Unidos na Rússia, olhou-a cheia de espanto e exclamou:

—Mas a China não é vermelha! E, com a sua rica tradição cultural, nunca abraçaria uma ideologia estranha como o comunismo. Os chineses serão sempre chineses.

—A China será comunista—repetiu Jeane.

A Sr.^a Henderson não tem dúvida em confessar: “Naquele dia, não houve ninguém que acreditasse nela.” Três anos depois tiveram motivos de recordar o episódio, quando, em setembro de 1949, os comunistas proclamaram a República Popular em Pequim e, em dezembro, Chiang Kai-shek retirou as suas tropas para Formosa.

O Futuro do Oriente

UMA DAS mais estranhas previsões de Jeane Dixon foi feita em 1945. Graças a freqüentes comparecimentos a reuniões em embaixadas, ela fizera amizade com muitos embaixadores, suas espôsas e auxiliares. Uma tarde, numa recepção oferecida por Sir Girja Shankar Bajpai, agente-geral da Índia, um adido militar apresentou-se como Coronel Nawabjaba Sher Ali e pediu-lhe uma sessão particular. Jeane recebeu-o no dia seguinte, no escritório comercial de seu marido. Consultando a bola de cristal, disse que uma divisão da Índia seria anunciada dentro de dois anos.

O coronel exclamou, surpreso:

—Não, não e não, Sr.^a Dixon! A Índia nunca será dividida!

Sem se deixar perturbar, Jeane declarou que essa divisão seria anunciada no dia 2 de junho de 1947. Disse ainda que o coronel deixaria a Índia para ficar do “outro lado”, e dessa maneira fazer carreira rapidamente.

—Nunca!—bradou o coronel.

Os Dixon continuaram a encontrar-se de vez em quando, em Washington, com o coronel indiano. Na manhã de 2 de junho de 1947, êle telefonou para falar a Jeane da sua profecia “errada”. Jeane limitou-se a responder que o dia ainda não havia terminado. Na manhã seguinte, êle leu com assombro nos jornais a notícia de que a divisão de fato se efetuará.

Pouco depois da volta do coronel para a sua terra, êle se transferiu para o Paquistão, o “outro lado”, a nova nação que fôra criada na Índia. Subiu rapidamente ao pôsto de general e foi, mais tarde, embaixador na Iugoslávia. Tudo fôra previsto por Jeane.

Earl Jellicoe, segundo-secretário da Embaixada Britânica em Washington, convidou Jeane para almoçar. Queria saber como ela podia ter previsto a divisão da Índia com dois anos de antecedência e *na data exata*? Afinal de contas, dois dias apenas antes do fato, a Câmara dos Comuns havia declarado que não concordaria com a divisão. Jeane explicou simplesmente que a data lhe fôra mostrada na sua bola de cristal com os algarismos tão claros como os que marcavam os preços no *menu* do almoço.

Sem tomar conhecimento do assombro de Jellicoe, disse ainda:

—O povo do Extremo Oriente é muito mais fácil de ler do que o Ocidente, porque não me levanta barreiras. Os asiáticos têm a faculdade inerente de abandonar-se em assuntos psíquicos.

Pouco depois, Jeane fêz outra previsão sensacional e espantosamente exata sôbre fatos da Índia. Numa noite, em meados de 1947, Daniel Magner, consultor administrativo e amigo de seu marido, apareceu para falar sôbre a viagem que ia fazer ao Extremo Oriente. Sentada no outro lado da sala, Jeane ouvia sem maior interêsse a conversa dos dois homens.

Quando ouviu, porém, as palavras "Nova Déli", exclamou:

—O Mahatma Gandhi será assassinado.

Os dois homens voltaram-se para olhá-la.

—É verdade—insistiu Jeane.—No momento em que falavam, tive uma visão do Mahatma Gandhi levantando os braços para uma religião, que é muito pró-ocidental para ser tolerada por alguns elementos do seu povo. Será assassinado dentro de seis meses, por alguém de quem menos suspeitam.

Daí a seis meses, a 30 de janeiro de 1948, o grande líder espiritual da Índia foi assassinado por um fanático pertencente ao grupo político-religioso Hindu-Mahasabba.

Informação Privada

DEPOIS da guerra, James Dixon abriu em Washington uma firma de negócios imobiliários. Jeane vivia então continuamente cercada de pessoas pedindo que ela lhes fizesse predições. Em tôdas as reuniões havia quem a levasse para um canto a fim de pedir-lhe orientação relativa a decisões pessoais. O telefone de sua casa tocava dia e noite. Ela sempre recusara pagamento de qualquer espécie por suas predições e parecia não haver limite para o que dela se exigia.

Quando uma noite o adido militar de uma embaixada do Extremo Oriente bateu à porta para pedir-lhe uma predição, James Dixon chegou à conclusão de que aquilo

não podia continuar. Com delicadeza, mas firmemente, disse ao visitante que a Sr.^a Dixon já estava recolhida e não podia ser perturbada.

—Essa gente lhe está minando a fôrça—disse êle à mulher.—Desde que a você parece impossível recusá-los, acho melhor você ir trabalhar no meu escritório. A telefonista poderá protegê-la e você terá uma desculpa legítima quando quiserem tomar-lhe o tempo.

No dia seguinte, Jeane foi com o marido para o escritório e passou a ocupar uma mesa ali. A pressão diminuiu um pouco e ela se entregou com entusiasmo à tarefa de encontrar as casas certas para as pessoas certas. Não fazia qualquer esforço para utilizar a sua bola de cristal nas transações imobiliárias, mas não podia silenciar de todo as suas faculdades psíquicas. Vic Rand, um velho empregado, lembra-se de que ela telefonou bem cedo certa manhã e disse-lhe:

—Sr. Rand, sonhei que uma das nossas casas se estava incendiando. Acho melhor ir verificar.

Pensando que não faltava mais nada, o empregado dirigiu-se obedientemente à casa vaga que ela havia indicado. Quando abriu a porta, sentiu o cheiro da fumaça.

—Corri a telefonar para os bombeiros—diz êle emocionado.—Desde então, quando ela me diz que há algum perigo ou que encontraremos qualquer dificuldade com certo negócio, chego a suar frio.

Previsões Políticas

EM ABRIL de 1948, quando atendia à Sr.^a Walter Maloney, espôsa de um advogado de Washington, Jeane pediu-lhe que formulasse um desejo. Examinando em seguida a bola de cristal, disse:

—O seu desejo não é particularmente pessoal, mas vai vê-lo realizado.

Julgando que conseguira enganar a amiga, a Sr.^a Maloney confessou rindo que havia desejado a reeleição do Presidente Truman. Todos diziam que êle não tinha a menor possibilidade.

Jeane repetiu, porém, que Truman seria reeleito. Telefonou depois para a sua amiga, Sr.^a Estelle Friedrichs, assistente administrativa na Casa Branca, e fêz a mesma profecia.

Quando Jeane apareceu em programas de rádio locais e nacionais antes da escolha dos candidatos nas convenções partidárias, previu que o adversário de Truman seria Thomas E. Dewey. Mas disse:

—Vejo o Sr. Dewey desaparecer numa avalanche de jornais, e a coroa de louros da vitória descer sôbre a cabeça do Sr. Truman.

A profecia se espalhou rapidamente pelos círculos oficiais e, em virtude dela, algumas senhoras da sociedade de Washington riscaram-lhe o nome da sua lista de convidados. Muitas amigas de Jeane acharam também que ela estava perdendo a classe, tão universal era a opinião de que Truman seria fragorosamen-

te derrotado. Mas, quando os resultados das eleições foram conhecidos, a sua reputação como formuladora de prognósticos políticos cresceu ainda mais.

Três anos antes, ela tivera a coragem de dizer a Winston Churchill que êle seria destituído do cargo. O insigne estadista da guerra fizera uma viagem a Washington no princípio de 1945, e Lorde e Lady Halifax haviam convidado Jeane Dixon para uma festa em honra dêle. Embora Jeane nada soubesse da situação política da Grã-Bretanha, “recebeu vibrações” quando apertou a mão de Churchill na fila dos convidados. Ela lhe implorou:

—Sr. Primeiro-Ministro, não convoque com muita precipitação as eleições, porque então será derrotado.

O grande homem da política britânica virou-se para encarar a imperitante dama. Os olhos claros de Jeane sustentaram firmemente o olhar de Churchill, que ao fim de um momento resmungou:

—A Inglaterra nunca me abandonará.

Como se não o tivesse ouvido, Jeane continuou:

—Mas não se importe. Voltará ao poder daí a mais alguns anos.

Churchill marcou as eleições para julho daquele ano. O Partido Trabalhista ganhou a maioria no Parlamento e Churchill foi substituído na chefia do govêrno por Attlee. Só seis anos depois foi que Churchill recuperou o manto de Primeiro-Ministro, que usou al-

tivamente até afastar-se em 1955.

Em 1952, Jeane anunciou que o General Eisenhower conquistaria a Casa Branca em novembro—profecia que divulguei em minha seção. Mas ela disse a sua amiga, Sr.^a Maloney, que “a estrêla de Adlai Stevenson também está em ascensão. Jamais irá, contudo, morar na Casa Branca. Os republicanos governarão durante dois períodos, e depois os democratas durante dois períodos.”

Segrêdo de Estado

ENTRE OS segredos mais zelosamente guardados do govêrno Eisenhower estavam os escores obtidos pelo Presidente quando jogava gôlfe. Num noite de maio em 1953, Jeane foi convidada por Martha Rountree para apresentar-se com Bob Hope num programa de rádio organizado para veteranos inválidos no Hospital Naval de Bethesda. Quando Jeane foi levada ao palco e apresentada como a famosa vidente de Washington, o cômico fêz algumas piadas e provocou-a, dizendo:

—Muito bem, Sr.^a Dixon, joguei gôlfe hoje à tarde com Ike em Burning Tree. Se é tão boa assim, diga qual foi o meu escore.

Olhando para a sua bola de cristal, ela respondeu calmamente:

—Vou dizer-lhe não apenas o seu escore, mas também o do Presidente. Um foi 96 e o outro 92. E você ganhou.

O sorriso desapareceu dos lábios de Bob Hope e por um momento êle

pareceu correr o risco de um colapso. Logo que o programa terminou, êle se agarrou ao seu agente e irmão nos bastidores e se queixou:

—Jack, essa Jeane Dixon me arruinou. O Presidente nunca poderá acreditar que não fui eu quem lhe revelou o escore do gôlfe.

Determinou então que essa parte da fita gravada fôsse cortada na irradiação do seu programa para todo o resto dos Estados Unidos.

“Chamem Uma Ambulância!”

EM JUNHO de 1960, um vidente holandês de nome Peter Herkos chegou a Washington precedido de muita propaganda para ajudar a esclarecer o assassinato do Sr. e Sr.^a Carroll Jackson e das duas filhinhas do casal, ocorrido havia 18 meses. Herkos, depois de uma visita ao local do crime, levou a polícia a um trapeiro, que foi devidamente prêso. No dia seguinte, tôda Washington falava do sensacional desfecho. Quase todos se mostravam contentes com o fato de um perigoso assassino não andar mais à sôlta. Contudo, Jeane insistia firmemente:

—Prenderam quem não deviam. O assassino é um músico. Tem cabelos prêtos e bastos.

Era de opinião que Herkos “recebera de Deus um dom precioso”, mas que “êle está sendo explorado”.

Duas semanas depois, o FBI prendeu um jovem músico de jazz, de Hyattsville, em Maryland, cujo diário parecia descrever como o terrível crime fôra cometido. Jeane tinha

certeza de que dessa vez a polícia acertara. O músico foi posteriormente condenado.

Um dia, quando ela saía do escritório imobiliário para um salão de beleza onde tinha hora marcada, Jeane se encontrou com um companheiro de trabalho, o Juiz Mitchell. Estava queimado de sol e parecia descansado. Acabava de regressar de um período de férias e ela lhe elogiou a aparência. Êle respondeu com entusiasmo:

—Nunca me senti melhor em minha vida.

Mais ou menos uma hora depois, Jeane descansava calmamente sob o secador de cabelos, num salão da Avenida Connecticut. De repente, uma visão lhe surgiu ante os olhos semicerrados.

Levantou-se de súbito, correu para o telefone, discou para o seu escritório, dizendo ao secretário George Miller:

—Não perca tempo fazendo qualquer pergunta. Chame uma ambulância e leve o Sr. Mitchell para o hospital. Êle está tendo um ataque do coração.

O atônito secretário virou-se para ver Mitchell, que estava trabalhando calmamente à sua mesa na sala vizinha. Dando de ombros, Miller respondeu:

—Mas êle está bem, Sr.^a Dixon. Vejo-o daqui . . . Meu Deus! Êle está morrendo!

Naquela fração de segundo, Mitchell havia caído ao chão, inconsciente.

Atordoado pelo choque, Miller passou sem energia o telefone a Patricia Crist, que obedeceu à incisiva ordem de Jeane de “chamar uma ambulância para o Sr. Mitchell”. Quando ela chegou, o doente estava tão perto da morte que foi preciso dar-lhe oxigênio para poderem levá-lo numa maca.

Mitchell passou cinco dias numa tenda de oxigênio, enquanto os telefonemas se sucediam no hospital. A premonição de Jeane a respeito do ataque cardíaco por êle sofrido fôra noticiada na primeira página dos jornais de Washington. Os médicos disseram que o pulso de Mitchell havia parado quando êle chegara ao hospital. Se o seu ataque fôsse descoberto de maneira comum, alguns minutos mesmo depois do telefonema de Jeane, talvez não pudesse ter-se recuperado.

A Rússia na Bola de Cristal

A 14 DE MAIO de 1953, Jeane apareceu, a convite de Martha Rountree, num programa nacional de televisão intitulado: “Festa Íntima em Washington”, juntamente com Joseph E. Davies, ex-embaixador norte-americano na Rússia e autor de *Missão em Moscou*.

—Por quanto tempo Malenkov será Primeiro-Ministro da Rússia?— perguntou o ilustre entendido em assuntos soviéticos.

Olhando na sua bola de cristal, Jeane “viu” Malenkov ser substituído por outro homem, cuja imagem era muito clara para ela. Respondeu:

—Malenkov entregará o poder em pouco menos de dois anos a um homem de cabeça oval, cabelos grisalhos ondulados, cavanhaque e olhos esverdeados.

Davies riu. Observou que os primeiros-ministros russos nunca eram substituídos pacificamente: ou morriam ou eram fuzilados. Além disso, o substituto descrito por ela não tinha aspecto russo. Jeane respondeu calmamente que ela estava dizendo o que “via”, não o que ela “pensava”, e que o fato sucederia sem dúvida . . . em pouco menos de dois anos, porque ela “via um rabinho num dois”.

Continuando apressadamente, porque outra imagem começava a formar-se na bola de cristal, Jeane disse que o homem de cavanhaque governaria por pouco tempo até que outro homem, mais baixo e calvo, assumisse o poder.

—Pouco depois—disse ela—uma bola de prata partirá para o espaço exterior. Dará volta a Terra e voltará para a Rússia, pousando como uma pomba da paz na calva do homem baixo e gordo. Cravará então as garras na cabeça dêle.

Explicou que isso significava que, depois que a Rússia lançasse o primeiro satélite, os soviéticos teriam enorme poder. Estendeu as mãos em círculo para indicar a forma do futuro Sputnik.

Nesse ponto, o Embaixador Davies não pôde mais conter-se. Agarando-a pelo braço, exclamou:

—Não, não, isso jamais aconte-

cerá. Fui embaixador ali e sei que não é assim que as coisas se fazem na Rússia.

Recordando o dramático episódio, Jeane diz com um suspiro: “Muito mais coisas estavam aparecendo, mas o Sr. Davies me pegou pelo braço e me sacudiu dizendo que eu devia ler o seu livro e ficar sabendo o que era a Rússia. Estava tão absorta que me esqueci de que estávamos na televisão. Do contrário, não teria feito o que em seguida fiz.”

Os espectadores da televisão ouviram-na exclamar:

—Oh, Sr. Embaixador! Estragou tôda a minha ligação!

Davies ainda estava troçando de Jeane quando o programa terminou. Mas, dois anos menos três meses depois, o Marechal Bulganin substituiu pacificamente Malenkov como Primeiro-Ministro soviético. Bulganin, grisalho e de cavanhaque, ajustava-se exatamente à descrição de Jeane, e o gordo e calvo Nikita Khrushchev assumiu na realidade as rédeas do poder como chefe do Partido Comunista. Em 1957, os soviéticos colocaram em órbita o primeiro satélite artificial da terra. No mês de março seguinte, Khrushchev depôs Bulganin.

Em 1953, sabendo da profecia de Jeane a respeito de “uma bola de prata que dará a volta à Terra”, Andrew Haley, consultor jurídico geral da Federação Astronáutica Internacional e autoridade reconhecida em espaço exterior, fêz pergun-

tas aos cientistas europeus. Não teve notícia de qualquer programa espacial russo. Mas, dois anos depois, os delegados soviéticos ao Congresso da Federação disseram-lhe que, de fato, estavam trabalhando num programa dessa natureza. Haley telefonou para Jeane e perguntou-lhe como ela pudera saber disso. Ela respondeu que não tinha "sabido" de qualquer programa espacial soviético. "Vira" apenas a Rússia lançando o primeiro satélite do mundo.

Quando o Sputnik I foi lançado, em 1957, Haley foi um dos primeiros que telefonaram para dar parabéns à amadora que previra quatro anos antes o lançamento.

"Mais Difícil de Lidar"

JEANE previu também a súbita reforma de outubro de 1964 no Kremlin, que surpreendeu por completo os governos do mundo. Ela havia escrito para a minha seção de Ano Nôvo de 1964 o seguinte: "Prevejo grande perigo para os Estados Unidos nos negócios internos e externos no período 1964-1967. Esse perigo será agravado por um novo líder que substituirá Khrushchev dentro dos próximos 18 meses. O nome dêsse homem começa por S. É do tipo professoral, intelectual, e será de trato mais difícil para nós do que Khrushchev."

Dez meses depois, as funções de Khrushchev foram divididas entre Leonid Brejnev e Alexei Kosygin. Mas os entendidos em assuntos do Kremlin começaram imediatamente

a pensar que os dois talvez fôssem apenas detentores temporários do poder até o aparecimento de um novo homem forte. Observou-se que Mikhail Suslov, que é apontado como "um dos poucos intelectuais da hierarquia russa", fez o discurso principal na reunião do Comitê Central que efetuiu a reforma.

Um mês depois, outro homem, chamado Alexandr Shelepin, surgiu no centro da cena do Kremlin. Tinha já nas mãos excepcional concentração de poder quando foi inesperadamente elevado ao Presidium do Partido, passando a fazer parte dos três mais poderosos órgãos de governo da Rússia.

Só o tempo dirá se um homem de "tipo intelectual", cujo nome começa por S, surgirá como o novo homem forte da Rússia, dando assim o remate final a outra previsão de Jeane Dixon.

Que Virá?

JEANE DIXON erra às vezes nas suas previsões. Disse, por exemplo, que a China Vermelha arrastaria o mundo à guerra em outubro de 1958 por causa das ilhas Quemói e Matsu. Pensou que o líder trabalhista Walter Reuther disputaria a candidatura à Presidência em 1964. E previu erroneamente que o Partido Conservador de Sir Alexander Douglas-Home seria vitorioso nas eleições gerais de 1964 na Grã-Bretanha. Para muita gente, êsses erros trazem alívio. Quem treme ante algumas das suas terríveis pre-

visões do futuro encontra consolo em saber que ela não é infalível.

Eis algumas das suas previsões para o futuro mais remoto:

- Os dois maiores problemas dos norte-americanos serão a questão racial e a China Vermelha. A questão racial dará preocupações nas décadas de 1960 e 1970. Em consequência da subversão e da ingerência da China Vermelha, numerosas nações africanas e asiáticas provocarão uma guerra mundial na década de 1980. As dificuldades no Vietname e na Coréia determinarão essa guerra "inevitável" com os vermelhos chineses.

- A História demonstrará que o tratado de proibição das provas nucleares foi prejudicial para os Estados Unidos e será utilizado contra eles.

- A China Vermelha invadirá o território russo, mas isso será uma escaramuça de fronteira e não deflagrará a guerra que virá depois, e em que a Rússia e os Estados Unidos estarão juntos. Nesse período do fim do século, o Estreito de Davis (entre o Canadá e a Groenlândia) será uma linha vital de comunicações para os Estados Unidos.

- Os cientistas e as autoridades dos Estados Unidos estão erradamente deixando de lado "um míssil pequeno de cerca de 45 centí-

metros de comprimento, de cor verde-escura ou preta, que tem a forma de um balão alongado". Por volta de 1970, êsse míssil, que, graças ao seu tamanho, poderá ser transportado no campo de batalha por dois ou três soldados, será decisivamente necessário.

- O Papa Paulo VI deixará a mais profunda marca para o bem na história do papado. Ainda neste século, um Papa sofrerá dano físico. Depois disso, o chefe da Igreja terá uma insígnia diferente. O poder permanecerá, mas não na pessoa do Papa.

- O Partido Republicano vencerá as eleições de 1968.

- A hecatombe mundial por ela prevista para a década de 1980 desencadeará na humanidade uma renovação espiritual. Uma criança nascida no Oriente Médio a 5 de fevereiro de 1962 revolucionará o mundo e acabará por unir todos os credos e seitas que se combatem numa fé única que a tôdas abrangerá. Essa pessoa, que tem sido o tema de algumas das mais fortes e claras visões de Jeane Dixon, nasceu de origem humilde e camponesa. Diz ela que a humanidade começará a sentir a grande força dêsse homem por volta de 1980 e que o seu poder "crescerá enormemente" até 1999, quando então haverá "paz na Terra para todos os homens de boa vontade".

(Tradução de Pinheiro de Lemos)





Grabtown Está Muito Longe

AVA GARDNER

*M*ATAR homens de tribos rebeldes no deserto africano... vogar num barco-habitação no Vale de Caxemira... dançar o selvagem "flamenco" nas grutas Ciganas da Espanha... e, agora, representar Sara, matriarca dos judeus e mulher de Abraão, no filme épico *A Bíblia*.

Êstes e mais alguns outros foram pontos altos de minha carreira cinematográfica. Ela me levou a muitos dos mais remotos pontos da Terra, a milhares de quilômetros de Grabtown, a cidadezinha na Carolina do Norte, onde nasci.

Em Grabtown jamais alguém sonhou que um dia eu faria filmes na Austrália, na Índia, na África e na Europa. Até Hollywood parecia tão longe como se estivesse em outro planêta.

Foram enormes as alegrias que o cinema proporcionou a esta menina do interior. Fazer filmes possibilitou-me ver alguns dos lugares mais exóticos do mundo e encontrar-me com gente simples e personalidades importantes de muitos países. Mas há armadilhas também.

Se a pessoa se deixa absorver no País do Faz-de-Conta do cinema, pode-se acabar perdendo o contato com a realidade e com importantes áreas do conhecimento humano. Mas eu tenho um meio de evitar êsses perigos: o Reader's Digest.

Leitora constante do Digest há muitos anos, tem sido possível manter-me tão bem informada como qualquer pessoa sobre o que é nôvo, importante e interessante no mundo fora da tela.

Tenho encontrado o Digest em todos os países aonde me levou o cinema. Leio-o aqui em Madri, onde vivo agora, como o lia quando menina, na minha cidadezinha, nos Estados Unidos. Seja qual fôr o país ou o idioma, o Reader's Digest é a chave que abre as portas do conhecimento e do entretenimento.